

Desempenho produtivo da piscicultura catarinense

Bruno Corrêa da Silva¹, Everton Gesser Della Giustina², Natalia da Costa Marchiori³, Haluko Massago⁴
e Fabiano Müller Silva⁵

A piscicultura continental é a atividade aquícola com maior representatividade em termos de produção, chegando em 2015 a 638 mil toneladas de pescado produzido no Brasil (PEIXEBR, 2016). Dentre as atividades agropecuárias, é o setor que obteve o maior crescimento nacional entre 2004 e 2014, com uma média anual de 9,85%, muito superior a outras atividades mais consolidadas, como bovinocultura (5,10% ao ano), suinocultura (2,90% ao ano) e avicultura (4,10% ao ano) (KUBITZA, 2015). A tilapicultura, que representa aproximadamente 53% da produção nacional de peixes, obteve um crescimento de 14,20% nesse mesmo período (KUBITZA, 2015). Além disso, a atividade movimenta cerca de R\$ 4 bilhões/ano, gera 1 milhão de empregos diretos e indiretos e consome cerca de 900 mil toneladas de rações, responsáveis pelo movimento de mais R\$ 1,2 bilhão/ano (PEIXEBR, 2016).

Dentre os maiores piscicultores nacionais, Santa Catarina aparece em 5º lugar, ficando atrás apenas dos estados do Paraná, Mato Grosso, Rondônia e São Paulo (PEIXEBR, 2016). Dentre as principais espécies produzidas nesses polos, destacam-se a tilápia cultivada em viveiros escavados (Paraná) e em tanques-rede (São Paulo), além do tambaqui (Rondônia) e os bagres de couro (Mato Grosso).

Distribuição das espécies produzidas em Santa Catarina

O levantamento sistemático dos dados de produção de peixes continentais em Santa Catarina é obtido anualmente pela Epagri, tendo como unidades de

coleta os 293 municípios do Estado. Em cada um deles existe um escritório local da Empresa, que permite reunir os dados da produção catarinense com uma precisão bastante razoável.

Os piscicultores catarinenses são classificados como amadores ou comerciais. O produtor amador é aquele que produz para lazer e venda eventual, ao passo que o produtor comercial realiza a venda sistemática e regular.

Como podemos observar na Figura 1, a espécie com maior representatividade no Estado é a tilápia, seguida respectivamente por carpa, jundiá, truta e outras. Na sua grande maioria, essas espécies são produzidas em viveiros escavados, com exceção da truta, que em sua totalidade é produzida em sistemas intensivos de raceways (sistemas de cultivo superintensivo com altas taxas de renovação de água por fluxo contínuo).

Devido às características de clima e relevo de Santa Catarina, é possível ob-

servar algumas peculiaridades quanto às espécies produzidas. O mapa com as regiões administrativas da Epagri é usado para demonstrar a distribuição da produção das diferentes espécies no Estado (Figura 2).

As principais áreas produtoras de tilápia são as regiões do Litoral (norte), Vale do Itajaí (baixo e alto) e Sul (Figura 3A). Com exceção do Alto Vale, essas são regiões mais quentes, registrando, na maior parte do ano (outubro a maio), temperaturas adequadas para essa espécie de clima tropical. Já as carpas são produzidas principalmente nas regiões do Alto Vale e Oeste Catarinense (Figura 3B).

Diferentemente, a truta é produzida principalmente no Planalto Serrano e na Região Metropolitana de Florianópolis, sobretudo no município de Angelina (Figura 3C). Essas regiões possuem temperaturas médias anuais abaixo dos 16°C, o que propicia a criação dessa espécie. ►

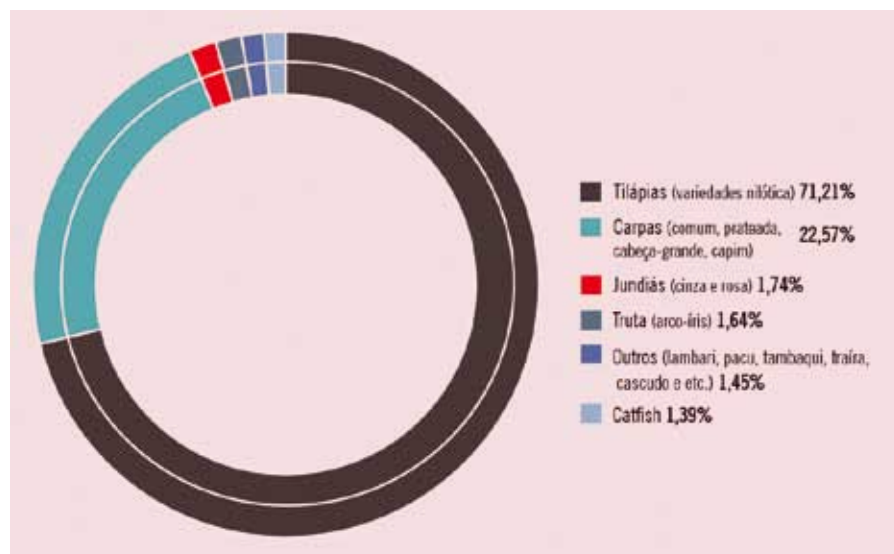


Figura 1. Importância percentual das principais espécies de peixes produzidas pela piscicultura continental de Santa Catarina

¹ Engenheiro de Aquicultura, Dr., Epagri / Centro de Desenvolvimento em Aquicultura e Pesca (Cedap), 88034-901 Florianópolis-SC, fone: (48) 36655059, e-mail: brunosilva@epagri.sc.gov.br.

² Engenheiro-agrônomo, Msc., Epagri / Gerência Regional de Itajaí (GRI), 88318 – 112 Itajaí-SC, fone: (47) 33986300, e-mail: evertondellagiustina@epagri.sc.gov.br.

³ Bióloga, Dra., Epagri/ Cedap, e-mail: nataliamarchiori@epagri.sc.gov.br.

⁴ Engenheiro de Pesca, Dra., Epagri / Cedap, e-mail: halukomassago@epagri.sc.gov.br.

⁵ Engenheiro-agrônomo, Dr., Epagri / Cedap, e-mail: fabiano@epagri.sc.gov.br.



Figura 2 – Regiões administrativas da Epagri

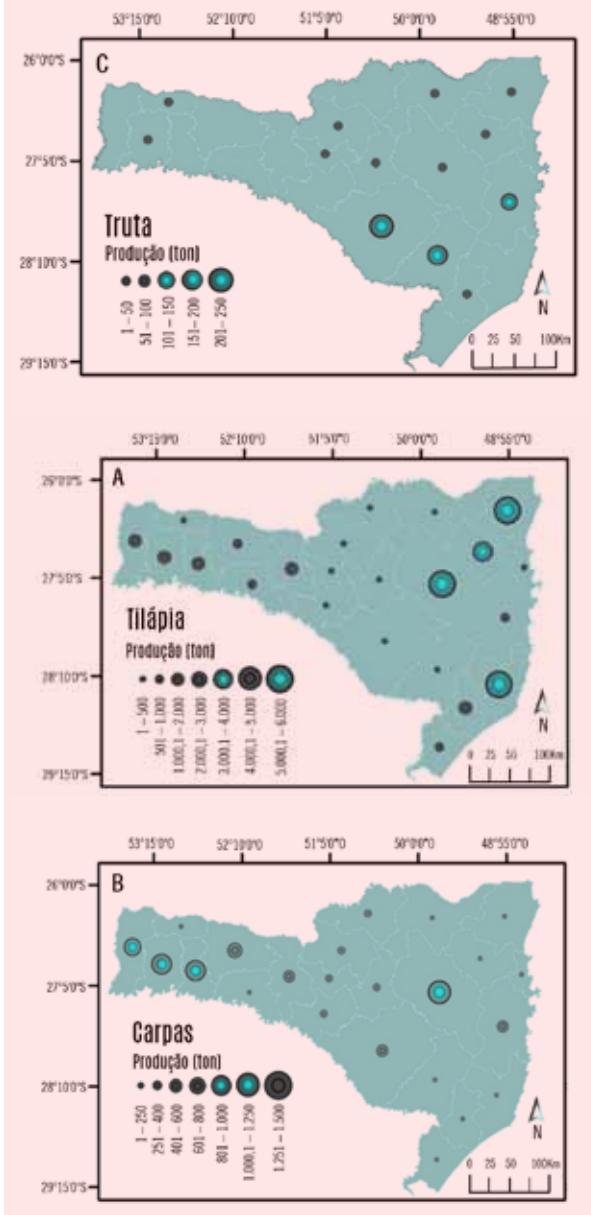


Figura 3. Distribuição da produção das principais espécies (3A – tilápias, 3B – carpas e 3C – truta) produzidas em 2015 nas regiões administrativas da Epagri no estado de Santa Catarina

Avanços da piscicultura catarinense

Entre os anos de 2005 e 2015, a produção da piscicultura catarinense cresceu em média 8,3% ao ano, passando de 19,3 mil toneladas de peixes de água doce para 42,7 mil toneladas (Figura 4). Esse aumento se deve principalmente ao crescimento no número de produtores comerciais e a sua produtividade (Tabela 1).

Nota-se que tanto a produção quanto a produtividade dos produtores amadores quase não se alteraram durante o período de 2010 a 2015.

Já a piscicultura comercial catarinense apresentou, nesse mesmo período, um aumento de 739 piscicultores, alguns deles produtores amadores que, por meio de assistência técnica, transformaram-se em produtores comerciais. Esse fato representou aumento de 741 hectares em termos de área alagada, além de aumento da produtividade no período, que saiu de 4,8 toneladas por hectare para 7,4.

Tal aumento na produtividade se deu pela melhor utilização de tecnologias já existentes, como o uso de aeradores, alimentadores automáticos, equipamentos de monitoramento da água, além do aprimoramento técnico. A Epagri auxilia nesses aspectos, por meio de cursos de capacitação, condução de unidades de referência técnica, realização de dias de campo com os piscicultores e excursões aos centros de pesquisa e polos produtores, bem como desenvolvimento de tecnologias de produção pela pesquisa.

Além da produtividade, é possível identificar outras diferenças entre os piscicultores amadores e os comerciais. A média de área alagada por piscicultor comercial é de 1,59 hectares, enquanto o amador usa 0,51 hectares. A área média de viveiros na piscicultura comercial possui em torno de 5.000m², enquanto a amadora, cerca de 3.000m².

A representatividade de cada espécie produzida por esses dois tipos de piscicultores também é diferente (Figura 5). Na piscicultura comercial, a tilápia representa 81,8%; enquanto na amadora,

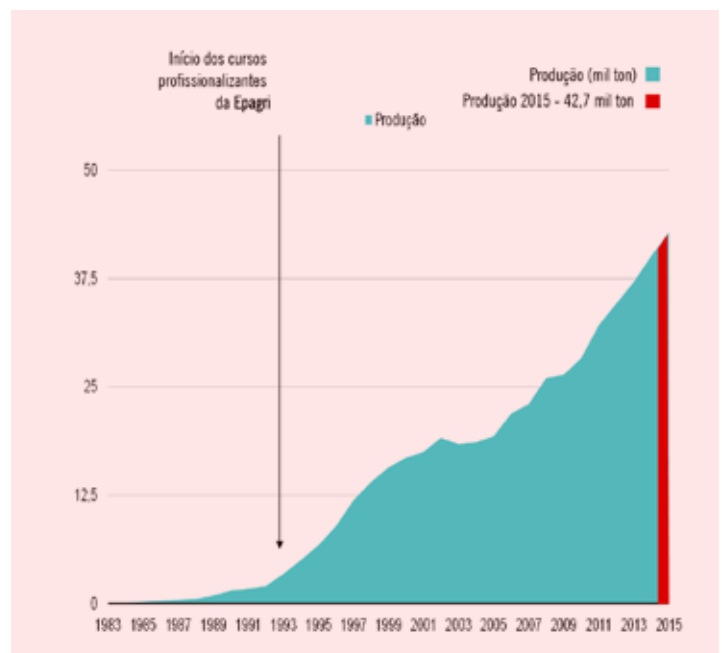


Figura 4. Evolução da piscicultura catarinense

Tabela 1. Dados da produção da piscicultura catarinense entre 2010 a 2015

Piscicultura	Ano	Nº Piscicultores	Área alagada	Área piscicultor	Produção (ton)	Produtividade (ton/ha)
Amadora	2010	21.623	9.514	0,44	13.660	1,4
Comercial		2.351	3.184	1,35	15.201	4,8
Amadora	2011	23.094	10.981	0,47	14.484	1,3
Comercial		2.323	2.961	1,27	17.661	6,0
Amadora	2012	25.848	11.634	0,45	15.303	1,3
Comercial		2.303	3.650	1,32	19.306	6,3
Amadora	2013	26.153	11.410	0,44	14.377	1,3
Comercial		2.953	3.310	1,2	22.753	6,9
Amadora	2014	26.945	11.410	0,42	15.015	1,3
Comercial		2.882	3.476	1,2	25.095	7,2
Amadora	2015	28.750	10.668	0,37	13.604	1,3
Comercial		3.090	3.925	1,27	29.170	7,4

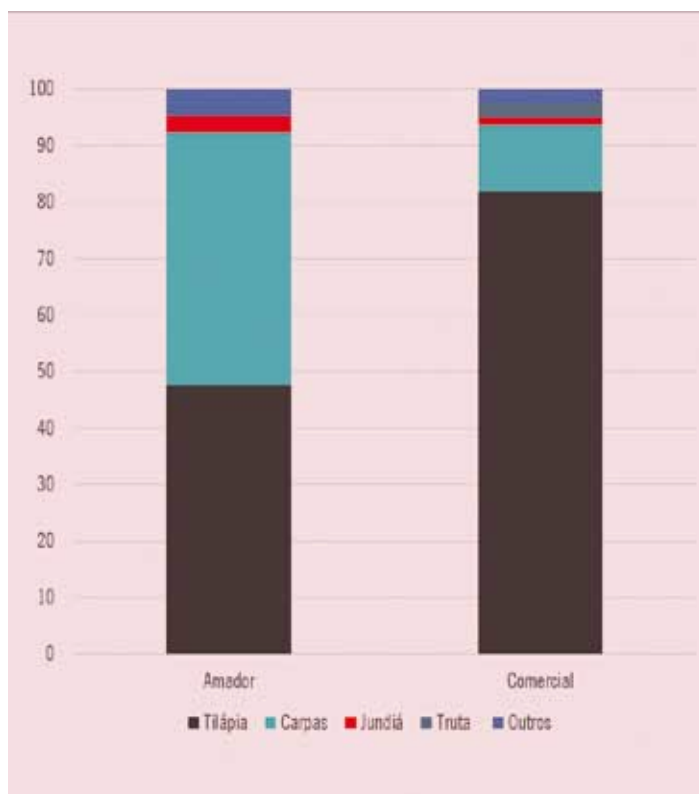


Figura 5. Percentual das principais espécies de peixes produzidas pela piscicultura amadora e comercial de Santa Catarina

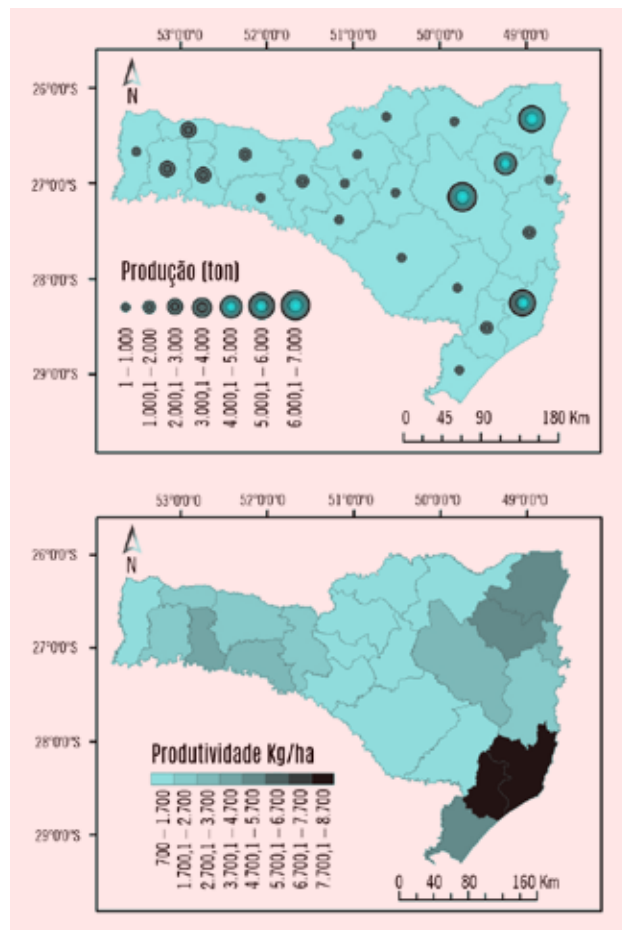


Figura 6. Distribuição espacial da produção e produtividade de peixes em Santa Catarina em 2015

representa apenas 47,5%, dividindo importância com as carpas, que representam 45%.

Entre as principais regiões produtoras do Estado, destacam-se as regiões com temperaturas mais elevadas e com maior produção de tilápia, como observado na Figura 6. As regiões com maior produção são, respectivamente, Rio do Sul (6.938t), Joinville (5.752t), Tubarão (5.239t), Blumenau (4.026t), Palmitos (2.637t), São Miguel do Oeste (2.626t) e Chapecó (2.371t).

A Figura 7 destaca os 10 maiores municípios produtores de peixes em Santa Catarina. Os dois maiores produtores são da região Norte (Massaranduba e Joinville), seguidos por dois municípios da região de Tubarão (Armazém e Grão Pará). Os principais municípios produtores da região do Alto Vale são Agrolândia e Ituporanga. Já no Oeste Catarinense os principais municípios produtores são: São Miguel do Oeste, Palmitos, Caxambu do Sul e Chapecó.

Mercados e perspectivas

Além de possuir uma produção representativa nacionalmente, Santa Catarina possui todos os elos da cadeia produtiva da piscicultura, como fabricantes de aeradores, alimentadores automáticos, redes de despesca e tarrafas, ▶

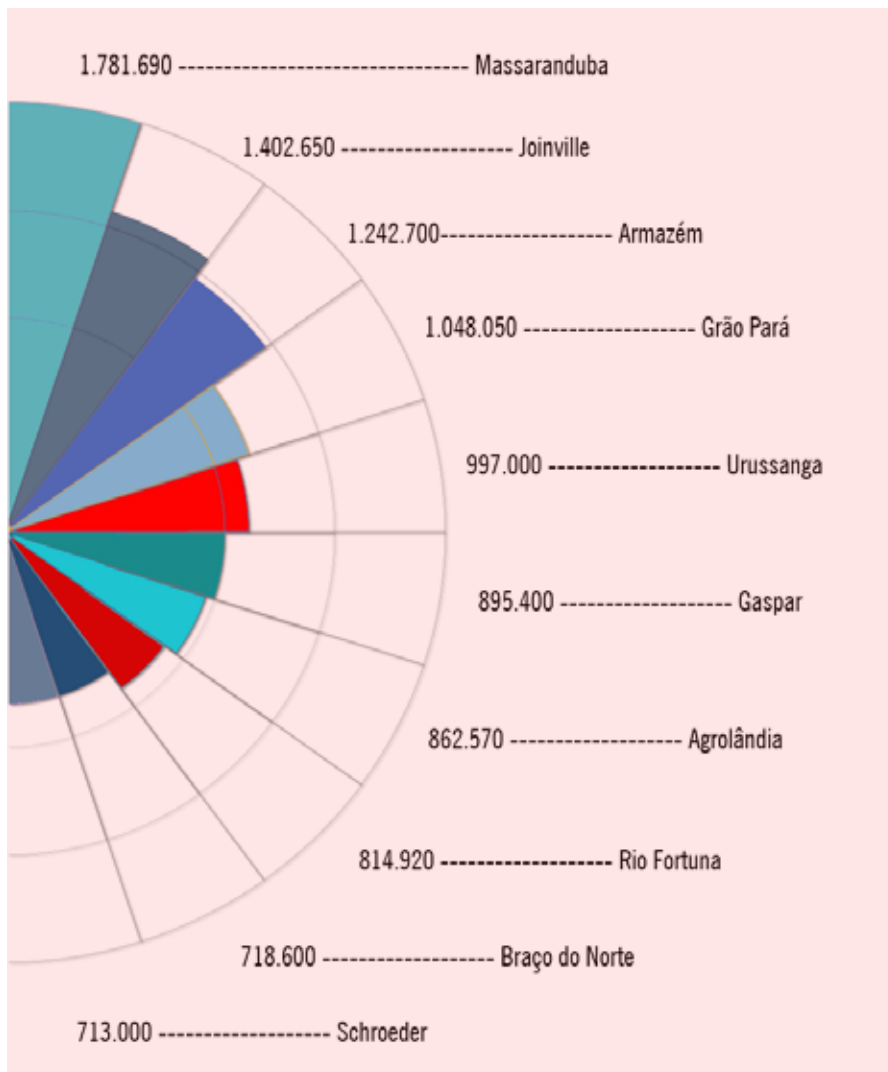


Figura 7. Municípios com maior produção de peixes em Santa Catarina (em quilogramas)

equipamentos e kits colorimétricos para análise de água, entre outros.

O Estado também possui diversos frigoríficos e pesque-pague, que são os dois principais mercados atacadistas para os produtores que engordam peixes. Apesar de o mercado de pesque-pague pagar entre 10% e 15% a mais pelo quilograma do peixe, há uma tendência de que nos próximos anos a porcentagem da produção destinada para a indústria de filetagem cresça. Os principais motivos dessa mudança incluem a compra de peixes de menor peso pelos frigoríficos (o que significa para o produtor menor tempo de cultivo e, por conseguinte, menores custos) e a compra de todos os peixes de uma vez (despesca total), ao passo que os pesque-pague compram em parcelas, impondo ao produtor a realização de várias despescas anuais, que acabam elevando os

custos de produção e o risco de perdas. Atualmente constam 115 pesque-pague nos registros da Epagri, embora seja possível que haja uns poucos mais. A grande indústria de frigoríficos, por sua vez, possui alto limite de compra, mas nos últimos anos há queixas diante da falta de matéria-prima devido à falta de peixe proveniente da pesca. Um terceiro mercado é o chamado mercado local (restaurantes, peixarias, feiras, a própria propriedade etc.), considerado varejo por vender baixos volumes a cada vez. O mercado local é muito instável, concentrando suas vendas nas épocas festivas, principalmente na Semana Santa. Com isso, também há uma grande variação de preços, tanto em diferentes regiões como nas diferentes épocas do ano. Tal instabilidade limita o volume de vendas nesse mercado. Outras tendências são a instalação de cooperativas ou frigorí-

ficos especializados em abate de peixes de água doce, geralmente com inspeção estadual ou municipal. As cooperativas têm possibilitado a seus membros obter uma margem de lucro mais elevada.

Em algumas regiões com boa produção, os produtores organizados em associações estão se encaminhando cada vez mais para esse sistema de vendas, já que as associações não podem comercializar. Todavia, os estudos necessários para saber da viabilidade econômica do empreendimento nem sempre são bem feitos, o que tem levado a constantes problemas de caixa ou mesmo ao fechamento de vários pequenos frigoríficos. A sazonalidade da matéria-prima tem sido o principal fator. Mas se isso for bem equacionado, tal tipo de negócio tem boas chances de se manter.

A tilápia é a principal espécie comercializada em Santa Catarina, e seu preço pode variar com a região, o tamanho de venda e o destino. Porém, de modo geral, ela vem sendo comercializada com o peso final de 600 a 800g e preço entre 4 e 5 reais por quilo.

Em termos financeiros, se forem desconsiderados valores pecuniários pela produção dos piscicultores amadores, estima-se que as 29.170 toneladas de peixes produzidas em 2015 somente pelos piscicultores comerciais/profissionais geraram diretamente em torno de R\$125 milhões, considerando valores médios de venda de R\$4,30/kg. A renda total retorna ao Estado na forma de impostos, bens de comércio e serviços, além de gerar alimento e empregos.

Os autores agradecem a todos os extensionistas da Epagri e piscicultores que auxiliaram no levantamento de dados que possibilitaram a elaboração deste documento.

Referências

PEIXEBR. Associação Brasileira da Piscicultura. Disponível em: <www.peixebr.com.br>. Acesso em: 22 nov. 2016.

KUBITZA, F. Aquicultura no Brasil: principais espécies, áreas de cultivo, rações, fatores limitantes e desafios. Panorama da Aquicultura, v.150, p.10-23, 2015. ■